

Tempo Presente

tempopresente@grupoatarde.com.br

Biblioteca reabre após poesia no Carnaval

Poetas e arte-educadores da Biblioteca Prometeu Itinerante voltam agora à sede na rua Edmundo Guimarães, número 1, na Boca do Rio, tendo como uma das fontes de inspiração os 30 anos de criação do bloco O Boca de Brasa.

O artigo definido no nome do bloco refere o perfil único, além de autêntico, do poeta Gregório de Matos, alcunhado O Boca do Inferno – ou O Boca de Brasa -, reconhecido até hoje pela capacidade de definir a Bahia com fidedignidade.

Com seus integrantes recitando poemas e distribuindo folhetos literários, O Boca de Brasa saiu do final de linha do bairro Fazenda Garcia até a Passarela do Campo Grande.

A poesia ocupou as ruas do Circuito Riachão, onde o bloco acrescentou sua criatividade orfêica ao cordão formado com o Mudança do Garcia, famoso pelo tom fortemente crítico de suas alegorias.

– O Boca de Brasa iniciou sua participação no Carnaval de Salvador em 1996, saindo no Circuito Batatinha, no Centro Histórico de Salvador – lembra um dos fundadores, o poeta Douglas de Almeida, em texto distribuído pelo instagram.

De acordo com Douglas de Almeida, durante estas três décadas, o bloco homenageou diversos poetas e movimentos, além de Gregório de Mattos, contribuindo assim para ampliar o conhecimento sobre as artes.

Entre os favoritos do bloco da poesia, estão Castro Alves, Luiz Gama, Semana de Arte Moderna 1922, Cecília Meireles, Sôsigenes Costa, Solano Trindade, Maria Carolina de Jesus, o Tropicalismo e Cuíca de Santo Amaro.

Também não podem faltar nos recitais carnavalescos, a Poesia Negra da Bahia (e em especial, José Carlos Limeira) e o Movimento Poetas na Praça, na figura de Antônio Short, além de Art Delírio Noturno, destacando o saudoso Zeka de Magalhães.

“Uma preocupação [do Vaticano] é que, em nível internacional, deve ser acima de tudo a ONU que gerencia essas situações de crise [como o ataque a Gaza]. Esse é um dos pontos em que insistimos”

PIETRO PAROLIN, secretário de estado do Vaticano, sobre a negativa de integrar Conselho da Paz de Trump

FOTO DO DIA



Clara Pessoa / Ag. A TARDE

BRINCAR EM TODO LUGAR | No alto do tronco, ele desafia a gravidade e o juízo, coroadado de riso e vertigem. Carnaval é isso: subir onde não cabe medo, fazer da cidade um brinquedo e do corpo, bandeira leve ao vento da agora.

O medo que algum dia o mar também vire sertão

Aladilce Souza

Vereadora de Salvador

Ao passar pela orla atlântica de Salvador, o que salta aos olhos não é apenas a beleza da nossa cidade voltada para o mar, mas um aspecto cada vez mais árido na paisagem. Essa sensação fica mais evidente na recém-inaugurada nova orla de Pituacu, que compreende o trecho entre Patamares e Boca do Rio. É um cenário que causa estranhamento. Sabe aquelas imagens que parecem distorcidas, quase derretendo quando se fixa o olhar? É exatamente essa a impressão que a nossa orla tem provocado.

O verde, elemento essencial de qualquer paisagem costeira tropical, torna-se cada vez mais raro ao longo da orla da

capital baiana. Em seu lugar, predominam o cinza do concreto e o vermelho do barro exposto, compondo um cenário que remete muito mais ao sertão ou à caatinga em períodos de seca do que a uma cidade banhada pelo Atlântico e originalmente cercada pela Mata Atlântica. O contraste é forte e revela uma transformação que não pode ser tratada como mero detalhe estético.

A chamada “requalificação” urbana promovida pela prefeitura de Salvador

Em Salvador, a escassez de árvores e áreas verdes potencializa o efeito das ilhas de calor

parece desconsiderar, de forma sistemática, a preservação dos remanescentes de Mata Atlântica e a necessidade de integração entre urbanização e natureza. A substituição de áreas verdes por grandes extensões cimentadas cria espaços duros e pouco acolhedores. A isso se soma a verticalização intensa da orla, os arranha-céus à beira-mar contribuem para consolidar uma verdadeira selva de pedra, onde as construções ficam cada vez mais verticalizadas, causando sombreamento e prejudicando a ventilação e circulação de ar nessas áreas.

Esse processo não ocorre de forma isolada. Ele se agrava em um contexto de aquecimento global, no qual a temperatura média aumentou quase dois graus nos últimos dez anos. Em Salvador, a escassez de árvores e áreas verdes potencializa o efeito das ilhas de calor, tornando os dias mais quentes e descon-

fortáveis. O calor intenso deixa de ser apenas uma sensação subjetiva e passa a impactar diretamente a qualidade de vida da população, além de empobrecer visualmente a paisagem urbana.

O que se observa na orla é mais do que uma mudança estética, é um sinal de alerta. A perda do verde, a impermeabilização excessiva do solo e a verticalização sem critérios ambientais desenharam um futuro pouco promissor para uma cidade que sempre teve no mar e na natureza parte central de sua identidade.

Diante desse cenário, é inevitável lembrar a música Sobradinho, de Sá e Guarabyra, quando eles cantam o medo de que “o sertão vire mar” e, de maneira hiperbólica, também de que “o mar vire sertão”. Ao olhar para a orla de Salvador, com aspecto cada vez mais árido, a pergunta que fica é se essa metáfora já não começa a se materializar diante dos nossos olhos.

ESPAÇO DO LEITOR

opinioa@grupoatarde.com.br

🗳️ Carnaval 2026

Terminado mais um Carnaval em nossa capital baiana com números grandiosos em tudo: participação popular, alegria e geração de emprego. Parabêniz a prefeitura e o governo do Estado e trago sugestões para o ano que vem: as bisnagas de espuma de que as crianças gostam deveriam ser feitas de um material reciclável (alumínio); a Melhor Segunda-Feira e o Pipoco deveriam ter mais trios elétricos, pois um só é pouco para a multidão; e os blocos precisam trabalhar melhor com os rádios de comunicação, pois basta ter um na frente e outro no fundo do bloco mandando andar ou parar, sem tantos esforços dos cordeiros, que chegam a derubar as pessoas para sustentar a corda. ROBERVAL CHAGAS SANTANA, ROBERVALC.S @HOTMAIL.COM

🕸️ Desaparecimento do dinheiro

Antigamente, perder dinheiro era quase uma tradição popular, principalmente em festa grande como o Carnaval. O dinheiro sumia entre um pagamento apressado e um troco mal conferido, evaporando com a mesma facilidade da dignidade às quatro da manhã. Eu mesmo sou testemunha desse período fértil: na véspera de um festejo, quando o real tinha

acabado de nascer, encontrei cem reais perdidos. Caminhei pela rua com a sensação de ter sido escolhido pelo Banco Central. Em jogo de futebol também havia esse romantismo monetário; na entrada do estádio, encontrei uma moeda de um real e no intervalo apareceram mais dez reais. O futebol podia até terminar em zero a zero, mas minha bolsa de valores fechava sempre em alta. Este ano, em Guarapari, a modernidade resolveu acabar com a farra das notas perdidas. O locutor oficial anunciou a perda de uma carteira, mas o que entregaram no palanque foram cartões e óculos; dinheiro que é bom, na-

Hoje ninguém perde cédula; perde sinal de internet, perde senha, perde a paciência. Nossos avós usavam carteiras robustas, mas hoje o dinheiro ficou invisível

da. A culpa é do Pix e dos cartões; o dinheiro virou entidade virtual que não cai mais da pochete do folião. Hoje ninguém perde cédula; perde sinal de internet, perde senha, perde a paciência. Nossos avós usavam carteiras robustas, mas hoje o dinheiro ficou invisível e a gente ficou nostálgico. Havia algo de poético em achar uma nota amassada no chão; era como se o destino pagasse a rodada. Hoje o destino manda um QR Code e não tem a menor graça. Pelo menos para mim, que não achei nada neste Carnaval. GREGÓRIO JOSÉ, GREGORIOJSIMAO@YAHOO.COM.BR

🌅 Agenda do oriente

O presidente Lula foi à Índia para estreitar relações comerciais e culturais. O governador da Bahia, Jerônimo, também irá, comprometendo-se a trazer conhecimentos farmacêuticos para o nosso estado para o tratamento de câncer. A Índia é a terra por excelência da espiritualidade e um exemplo de nação milenar onde convivem e sobrevivem as mais diferentes e contrastantes crenças religiosas num só país. De forma similar, a Bahia é conhecida como a terra de todos os santos, um estado de grande diversidade também religiosa, racial e cultural. O povo africano e o povo indiano, junto com o povo baiano,

compartilham um misticismo em comum. Mahatma Gandhi viveu e atuou contra o racismo na África do Sul por muitos anos. Na Bahia, temos Caetano Veloso, que, por influência de Rogério Duarte, leu e comentou o Gita hindu. Gilberto Gil, que todo carnaval sai no bloco Filhos de Gandhi, fundado por estivadores das docas de Salvador, também se destaca. A espiritualidade atrai o interesse cultural, a identidade na luta e a inspiração para a batalha diária da sobrevivência. Raul Seixas também se inspirou na famosa escritura mitológica hindu para dar título à sua icônica canção: Gita. A Índia é uma nação promissora dos Bric's, uma nação emergente cujos especialistas preveem que seu PIB irá ultrapassar o PIB do Japão e da Alemanha em alguns anos. Trata-se de um país onde o arcaico e o ancestral convivem lado a lado com a tecnologia e o progresso científico. Num mesmo país, existem hábitos antigos, como os velhos costumes de família, convivendo com os mais atualizados conhecimentos em informática, sondas para Marte, programa espacial, bomba atômica e o risco constante de conflitos territoriais com a China ou com o Paquistão. Boa sorte ao governador Jerônimo! ADRIANO BATISTA, BATISTAAJB8@GMAIL.COM